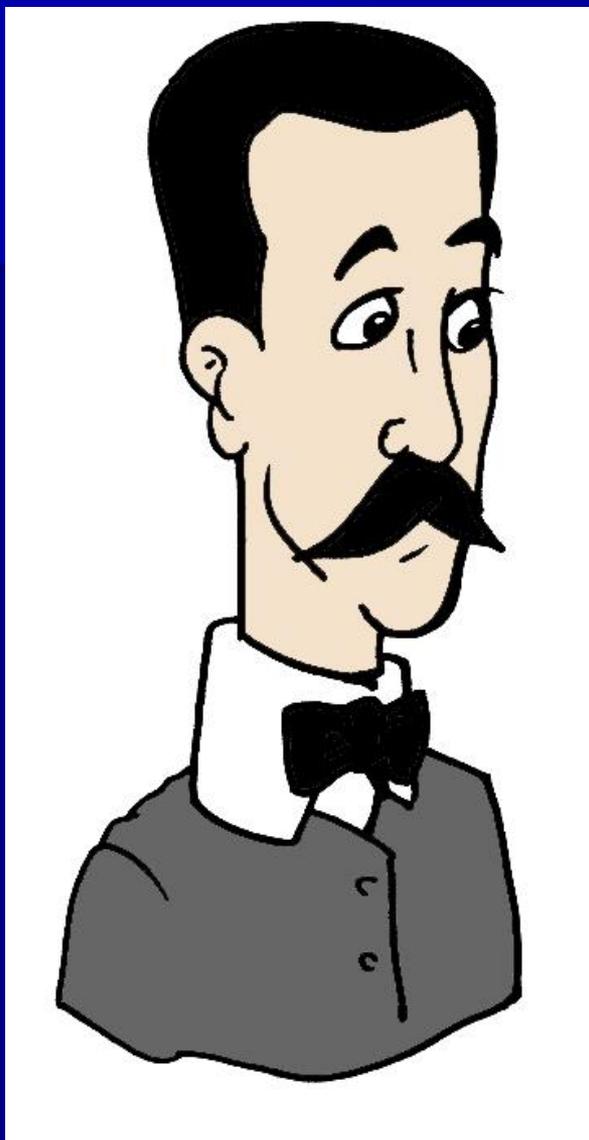


O cortiço

Aluísio Azevedo



Foto de um cortiço na rua Visconde do Rio Branco (RJ)



Aluísio Azevedo

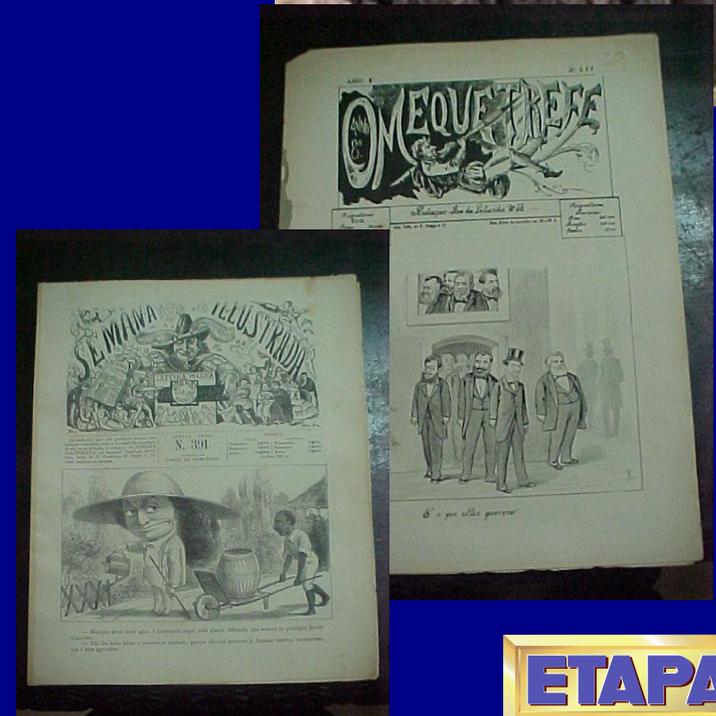
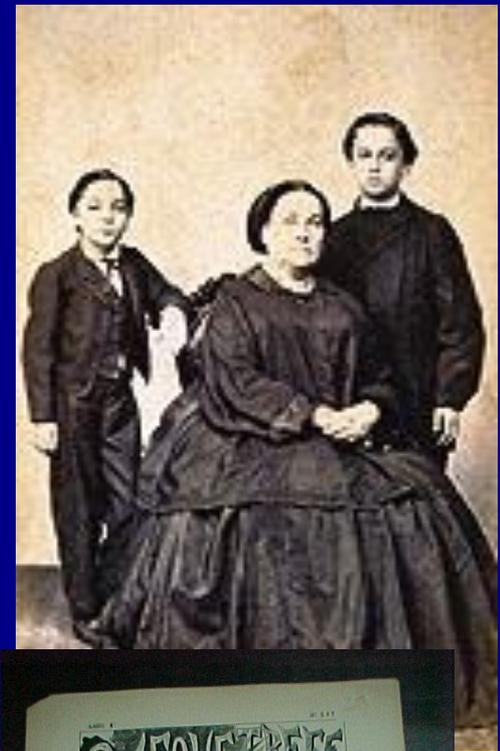
São Luís (Maranhão) – 1857
Buenos Aires – 1913

vida

- caricaturista, jornalista, romancista e diplomata
- **pai:** vice-cônsul português
David Gonçalves de Azevedo
- **mãe:** Emília Amália Pinto de Magalhães
- **irmão:** Artur Azevedo (arquiteto e escritor)

- caixeiro e guarda-livros
- interesse pelo desenho e pintura
- 1876: vai ao RJ a convite do irmão
- cursa Academia de Belas Artes
- faz caricaturas para jornais:
O mequetrefe, Zig-zag,
A semana ilustrada.

Com a
mãe e o
irmão
mais
velho



A semana ilustrada
e O mequetrefe
jornais da época

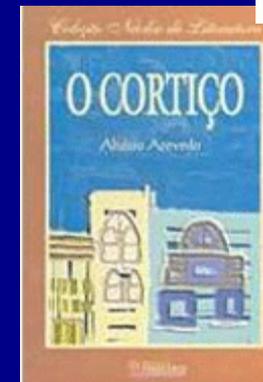
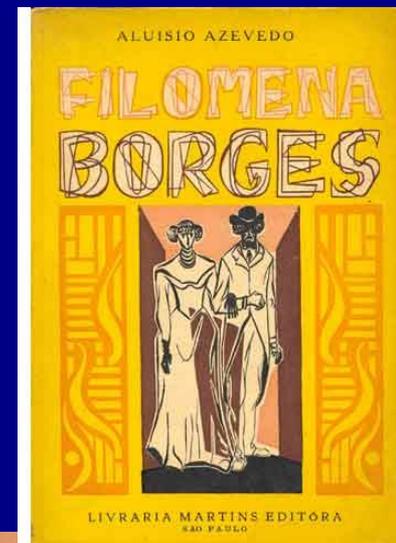
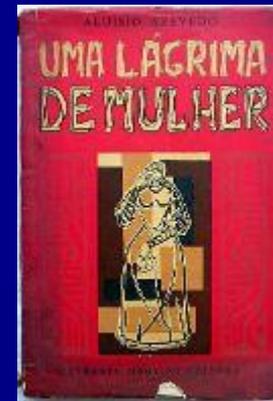
- Retorna a S. Luís após a morte do pai e passa a escrever
- Em 1879, publica *Uma lágrima de mulher*
- Lança e colabora com o jornal anticlerical *O Pensador*, que defendia a abolição
- Em 1881, escreve *O mulato*, marco do Naturalismo
- Retorna ao Rio decidido a ganhar a vida como escritor
- Escreve folhetins para garantir sua sobrevivência
- Observa e analisa agrupamentos humanos: a degradação das casas de pensão e sua exploração pelo imigrante, principalmente o português. Dessa preocupação resultam:

Casa de pensão (1884)

O cortiço (1890)

obras

- **Contos:** Demônios (1893); Pegadas (1897)
- **Novela:** O Touro Negro (1938)
- **Crônicas:** Japão (1984 – póstuma)
- **Teatro:** A Flor de Lis (1882); Casa de Orates (1882)
Em Flagrante (1891); O Caboclo (1886)
- **Romances:**
 - Uma Lágrima de Mulher (1879)
 - O Mulato (1881)
 - Condessa Vésper (1882)
 - Mistério da Tijuca ou Girândola de Amores (1882)
 - Casa de Pensão (1884)
 - O Homem (1887)
 - O Cortiço (1890)
 - A Mortalha de Alzira (1891)

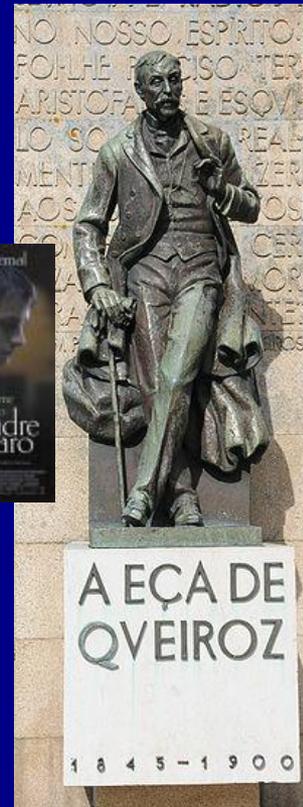


■ Influências

Eça de Queirós

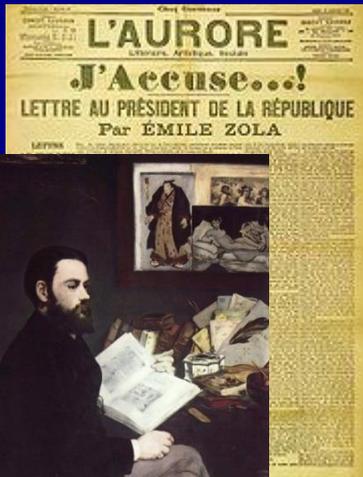
“Realismo é uma reação contra o Romantismo: o Romantismo era apoteose do sentimento; o Realismo é a anatomia do caráter, é a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos - para condenar o que houver de mau na nossa sociedade”

O crime
do padre
Amaro



Zola

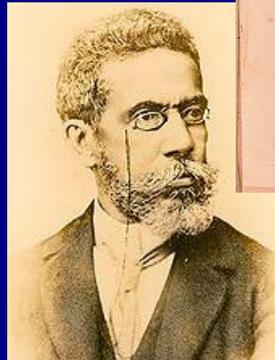
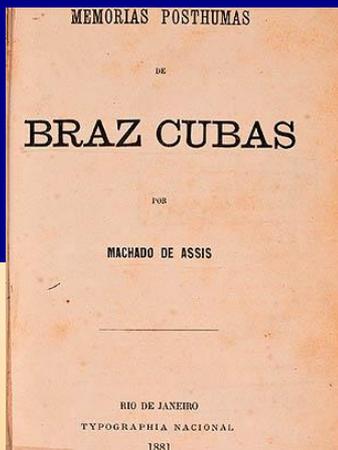
“Em *Thérèse Raquin*, eu quis estudar alguns temperamentos. Eis aí todo o livro. Escolhi personagens soberanamente dominados por seus nervos e sangue, desprovidos de livre-arbítrio, levados a cada ato de suas vidas pelas fatalidade da carne. Thérèse e Laurent são humanos brutos, nada mais. (...) Começamos, espero, a compreender que meu objetivo foi científico.”



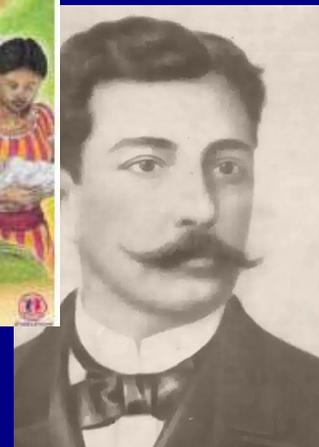
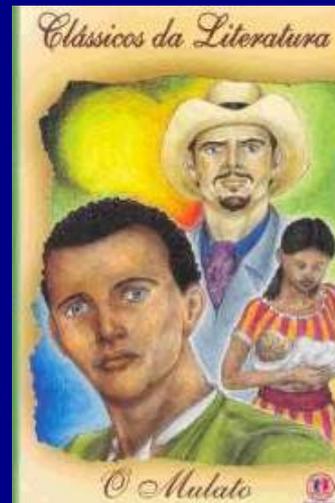
J'accuse – jornal e envolvimento no caso Dryfus

Realismo/Naturalismo

- 1881: Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*
- 1881: Aluísio Azevedo, *O mulato*



Machado de Assis



Características do Naturalismo

- observação e análise da realidade
- objetividade: não há espaço para idealismos
- cientificismo: Positivismo (ciência+razão=progresso)
- patologia social (temas que chocam a sociedade)
- animalização humana: ser humano descrito sob a ótica dos instintos e do sensual (sentidos animais)
- foco nas mazelas sociais e nas taras humanas
- descrições pormenorizadas e narrativa lenta
- busca da impessoalidade

Características do Naturalismo

- análise do comportamento humano

Determinismo

Leis Sociológicas

a) determinismo do meio

b) determinismo do momento histórico

Leis Biológicas

a) determinismo da herança genética

b) determinismo da raça

Características de *O cortiço*

- mais importante romance do Naturalismo brasileiro
- 23 capítulos com estrutura tradicional
- linguagem chocante, objetiva e direta
- tom de denúncia: miséria e corrupção moral
 - preocupação com as classes marginalizadas pela sociedade
 - preferência por personagens doentes tanto física quanto moralmente
- predomínio do coletivo sobre o individual

■ NARRADOR

3ª pessoa (narrador onisciente). O narrador tem poder total na estrutura do romance: entra no pensamento dos personagens, faz julgamentos e tenta comprovar as influências do meio, da raça e do momento histórico.

■ TEMPO

Narrativa linear, com princípio, meio e fim delineados.

Brasil, fim do século XIX, sem precisão de datas. Sabemos da escravidão, das lutas abolicionistas e da propagação dos ideais republicanos.

Tempo evolutivo relacionado com o desenvolvimento do cortiço e com o enriquecimento de João Romão.

■ ESPAÇO

Espaço (1): cortiço, amontoado de casebres que serviam de moradia para os menos privilegiados. Núcleo de convivência de raças diferentes. O cortiço gera a promiscuidade. Funciona como um organismo vivo. O cortiço engloba a pedreira e a taverna do português João Romão. Todo dinheiro que circula acaba nas mãos de João Romão.

Espaço (2): o sobrado do comerciante Miranda e de sua família. Representa a burguesia ascendente do século XIX.

- Bairro de Botafogo, exuberante natureza local.
- Sol abrasador do litoral americano é elemento corruptor do homem local.

“Assim à refulgente luz dos trópicos amortece a fresca e doce claridade dos céus da Europa, como se o próprio sol americano, vermelho e esbraseado, viesse, na sua luxúria de sultão, beber a lágrima medrosa da decaída rainha dos mares velhos.”

Natureza de um cortiço

"Cabeça-de-Gato" que, à proporção que o São Romão se engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando acanalhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava, como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável, para sempre, o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; **aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes, brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão.**

ESTILO

- Domínio da técnica descritiva
- Estilo sóbrio, correto
- Léxico escolhido, ressalta o físico, o concreto, mostra a realidade
- Ritmo ágil, nervoso, agitado

“A Bruxa surgiu à janela da sua casa, como à boca de uma fornalha acesa. Estava horrível; nunca fora tão bruxa. O seu moreno trigueiro, de cabocla velha, reluzia que nem metal em brasa. A sua crina preta, desgrenhada, escorrida e abundante como as éguas selvagens, dava-lhe um caráter fantástico de fúria saída do inferno. E ela ria-se, ébria de satisfação, sem sentir as queimaduras e as feridas vitoriosa no meio daquela orgia de fogo, com que ultimamente vivia a sonhar em segredo a sua alma extravagante de maluca.”

- Nos diálogos, expressões de uso diário, certo coloquialismo, registro da fala, gíria e ditos populares:

“Parece que tem fogo no rabo!”

“Vá à pata que o pôs”

“Pois você não vê esta galinha, que apanhei hoje com a boca na botija.”

(...)

“E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida?...”

“Então, coisa-ruim! por onde andaste atirando esses quartos?”

“Desta vez a coisa foi de esticar, hein?! (...)”

“(...) Facilita muito, meu boi manso, que te escorvo os galhos na primeira ocasião!”

“Arre diabo, resmungou Porfiro, cuspiendo para o lado. Este é mesmo capaz de comer-nos a todos nós, sem achar espinhas!”

Estrutura social



Miranda

(cultura – nobreza)

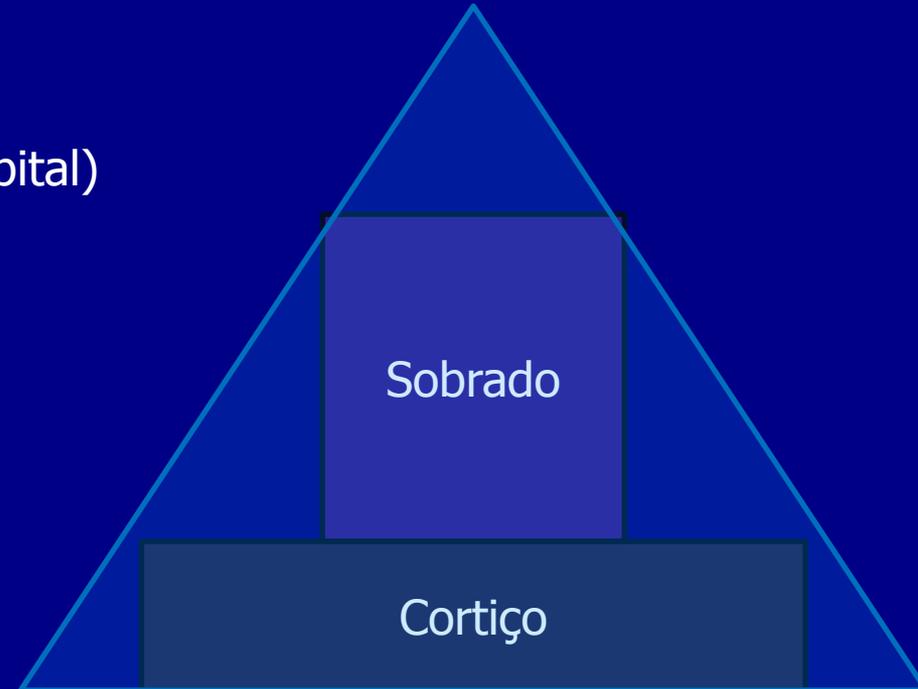
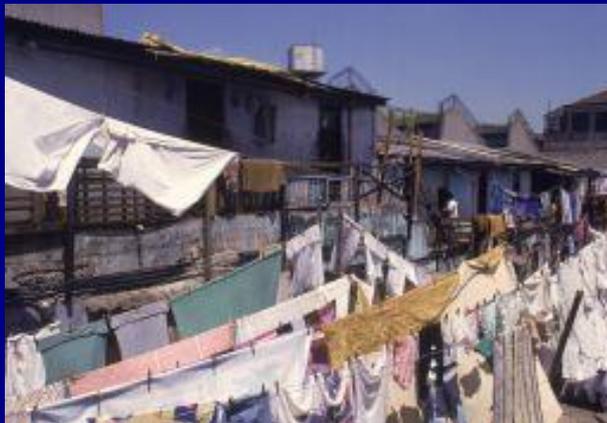
verticalidade

Romão

(acúmulo de capital)

Jerônimo

(instintos)



horizontalidade

Personagens

Núcleo cortiço

- João Romão
- Bertoleza
- Jerônimo / Piedade
- Rita Baiana / Firmo
- D.Isabel / Pombinha
- Leocádia / Bruno
- Léonie
- Albino / Libório / Marciana / Leandra – das Dores, Nenem, Agostinho / Augusta – Alexandre / Bruxa / Florinda (...)
- italianos
- **Carapicus x Cabeças-de-gato**

Núcleo sobrado

- Comendador Miranda
- Estela (esposa)
- Zulmira (filha)
- Botelho (agregado)
- Henrique

João Romão

grupo ligado a ele: Bertoleza, o cortiço, Zulmira
português, ganancioso, trabalhador, mesquinho, explorador, antiético
evolução: taverna – venda – quitanda – casa de pasto – bazar – armazém –
estalagem – sobrado – avenida São Romão.

Acumulação do capital
Construção do cortiço, horizontalidade

Transformação, quer ser visconde
Ascensão ao sobrado, verticalidade



Bertoleza



João em 3 fases / transposição da barreira social



Zulmira

João Romão

Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas (...)

Bertoleza

Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior.

(...) representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de um pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. **Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora;** fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe.

Comendador Miranda

Grupo ligado a ele: Estela, Zulmira, Botelho, Henriquinho ----- João Romão
Português, interesseiro, rico, invejoso, aproveitador, ganancioso, grosseiro

Evolução: caixeiro – casa-se por interesse – arranja-se no comércio pelo dote da
mulher – sabe-se traído, mas mantém as aparências – título de Barão

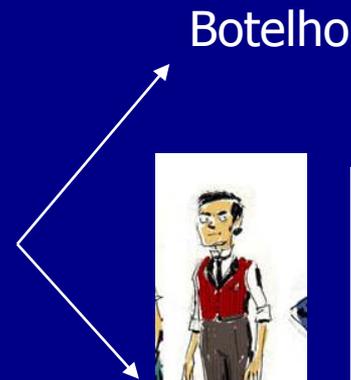
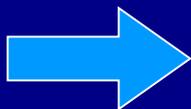
Representa o sobrado, símbolo da elite com ares de aristocracia.

Representa status social mais elevado

Barão



João Romão



Botelho



Henrique



Zulmira



Personagens

Núcleo cortiço

- João Romão
- Bertoleza
- Jerônimo / Piedade
- Rita Baiana / Firmo
- D.Isabel / Pombinha
- Leocádia / Bruno
- Léonie
- Albino / Libório / Marciana / Augusta / Leandra – das Dores, Nenem, Agostinho / Augusta – Alexandre / Bruxa / Marciana / Florinda / Porfiro
- italianos
- **Carapicus x Cabeças-de-gato**

Núcleo sobrado

- Comendador Miranda
- Estela (esposa)
- Zulmira (filha)
- Botelho (agregado)
- Henrique

Jerônimo

grupo ligado a ele: Piedade, Rita Baiana e Firmo
português – força moral, trabalhador na pedreira, filha no internato
evolução: abraçeira-se, torna-se amante de Rita Baiana e envolve-se em briga
e posterior assassinato de Firmo

abrasileiramento = decadência

malandragem / dança e capoeira



Piedade

Jerônimo

Rita Baiana

Firmo

Jerônimo 1 – Marido exemplar e profissional competente

Dentro de dois anos, distinguia-se tanto entre os companheiros, que o patrão o converteu numa espécie de contramestre e elevou-lhe o ordenado a setenta mil-réis.

Mas não foram só o seu zelo e a sua habilidade o que o pôs assim para a frente; duas outras coisas contribuíram muito para isso: **a força de touro (...), a grande seriedade do seu caráter e a pureza austera dos seus costumes.**

Jerônimo 2 – Em transformação

(...) uma transformação, lenta e profunda, operava-se nele dia a dia, hora a hora, reviscerando-lhe o corpo e alando-lhe os sentidos, num trabalho misterioso de crisálida. A sua energia afrouxava lentamente: fazia-se contemplativo e amoroso. A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; (...) tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso, resignado e vencido, às imposições do sol e do calor (...). Jerônimo abraçou-se. (...) A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas, a pimenta malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa [...] e desde que o café encheu a casa com seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos.

Jerônimo 3 – Decaído

(...) Jerônimo não mandou saldar a conta do colégio, no dia seguinte, nem no outro, nem durante todo o resto do mês; e ele, coitado! Bem que se mortificou por isso; mas onde ia buscar dinheiro naquela ocasião? O seu trabalho mal lhe dava agora para viver junto com a mulata; estava já alcançado nos seus ordenados e devia ao padeiro e ao homem da venda. Rita era desperdiçada (...) e gostava de fazer presentes. Ele, receoso de contrariá-la e quebrar o ovo da sua paz, (...) subordinava-se calado e afetando até satisfação; no íntimo, porém, o infeliz sofria deveras. A lembrança constante da filha e da mulher apoquentava-o com pontas de remorso, que dia a dia alastravam na sua consciência, à proporção que esta ia acordando daquela cegueira. O desgraçado sentia e compreendia perfeitamente todo o mal da sua conduta; mas só a idéia de separar-se da amante punha-lhe logo o sangue doido e apagava-se-lhe de novo a luz dos raciocínios (...).

E então, para fugir àquela voz irrefutável, que estava sempre a serrazinar dentro dele, bebia em camaradagem com os companheiros e habituara-se, dentro em pouco, à embriaguez.

Piedade (1)

- Esposa trabalhadora
- Hábitos portugueses

Piedade (2)

- Abandonada pelo marido
- Mulher de vida desregrada: bebida e preguiça
- Decadente, vítima do meio



Piedade

(...) sem se conformar com a ausência do marido, o seu abandono e ia também agora se transformando de dia para dia, vencida por um desmazelo de chumbo, uma dura desesperança, a quem nem as lágrimas bastavam para adoçar as agruras. (...) Um dia, Piedade levantou-se queixando-se de dores de cabeça, zoadas nos ouvidos o estômago embrulhado; aconselharam-lhe que tomasse um trago de parati. Ela aceitou o conselho e passou melhor. No dia seguinte repetiu a dose; deu-se bem com a perturbação em que a punha o álcool, esquecia-se um pouco durante algum tempo das amofinações da sua vida; e, gole a gole, habituara-se a beber todos os dias o seu meio martelo de aguardente, para enganar os pesares.

Piedade

Pobre mulher! chegara ao extremo dos extremos. Coitada! já não causava dó, causava repugnância e nojo. Apagaram-se-lhe os últimos vestígios do brio; vivia andrajosa, sem nenhum trato e sempre ébria, dessa embriaguez sombria e mórbida que se não dissipa nunca. O seu quarto era o mais imundo e o pior de toda a estalagem; homens malvados abusavam dela, muitos de uma vez, aproveitando-se da quase completa inconsciência da infeliz. (...) Um empregado de João Romão, (...) por três vezes a enxotou, e ela, de todas, pediu que lhe dessem alguns dias de espera, para arranjar casa. Afinal, no dia seguinte ao último em que Pombinha apareceu por lá com Léonie e deixou-lhe algum dinheiro, despejaram-lhe os tarecos na rua.

E a mísera, sem chorar, foi refugiar-se, junto com a filha, no Cabeça-de-Gato. (...)

Rita Baiana

- Mulata sedutora, esbanjadora e festeira
- Encanto tropical, mestiçagem
- Sem compromisso, busca seus interesses
- Causa da decadência de Jerônimo e a morte de Firmo



- Exemplifica a diversidade da formação étnica do Brasil (conforme os ideais do século XIX):
"desde que Jerônimo propendeu para ele, fascinando-a com sua tranquila seriedade de animal bom e forte, o sangue da mestiça reclamou os seus direitos de apuração e Rita preferiu no europeu o macho de raça superior."

Ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sextas de fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, (...) era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso, era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; **ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, e muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras, (...) picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca.**

Fogo no cortiço

A Bruxa conseguira afinal realizar o seu sonho de louca: o cortiço ia arder; não haveria meio de reprimir aquele cruento devorar de labaredas. (...) a cena transformou-se num relance; os mesmos que barateavam tão facilmente a vida, apressavam-se agora a salvar os miseráveis bens que possuíam sobre a terra. Fechou-se um entra e sai de maribondos defronte daquelas cem casinhas ameaçadas pelo fogo. Homens e mulheres corriam de cá para lá com os tarecos ao ombro, numa balbúrdia de doidos (...)

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava (...) das portas surgiram cabeças congestionadas de sono. (...) Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas.

Renovação

Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lampiões grandes simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras de água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins de quatro a oito palmos e os imensos depósitos de garrafas vazias. À esquerda, até onde acabava o prédio do Miranda, estendia-se um novo correr de casinhas de porta e janela, e daí por diante, acompanhando todo o lado do fundo e dobrando depois para a direita até esbarrar no sobrado de João Romão, erguia-se um segundo andar, fechado em cima do primeiro por uma estreita e extensa varanda de grades de madeira, para a qual se subia por duas escadas, uma em cada extremidade. De cento e tantos, a numeração dos cômodos elevou-se a mais de quatrocentos; e tudo caiadinho e pintado de fresco; paredes brancas, portas verdes e goteiras encarnadas.

Novos moradores

(...) notavam-se por último na estalagem muitos inquilinos novos, que já não eram gente sem gravata e sem meias. A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco, se deixaria arrastar inteira lá para dentro. Começavam a vir estudantes pobres (...) surgiram contínuos de repartições públicas, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, e vendedores de bilhetes de loteria. (...)

E, como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o "Cabeça-de-Gato" e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. **O cortiço aristocratizava-se.**

Pombinha

- Vivia com a mãe, D. Isabel
- Menina de família falida
- Educada, culta e de bom caráter
- Escreve cartas para os outros
- Esperança de futuro no casamento
- “Drama” da menarca – traço patológico
- Assediada por Léonie, sua protetora
- Descoberta dos sentimentos e do amor
- Casamento e adultério
- Entrega-se à prostituição
- Protege a filha de Piedade (Senhorinha) – continuidade da profissão

“A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria.”



Pombinha 1 - Ingênua

Chamavam-lhe Pombinha. Bonita, posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família. A mãe não lhe permitia lavar, nem engomar, mesmo porque o médico a proibira expressamente. Tinha o seu noivo, o João da Costa, moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro, (...) Dona Isabel não queria que o casamento se fizesse já. É que Pombinha, orçando aliás pelos dezoito anos, não tinha ainda pago à natureza o cruento tributo da puberdade, apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir à risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo. No entanto, coitadas! Daquele casamento dependia a felicidade de ambas, porque o Costa, bem empregado (iria) restituí-las ao seu primitivo círculo social. (...)

Pombinha 2 - Devassa

Dona Isabel quase morre de desgosto. Para onde teria ido a filha?... "Onde está? onde não está? Procura daqui! procura daí!" Só a descobriu semanas depois; estava morando num hotel com Léonie. A serpente vencia afinal: Pombinha foi, pelo seu próprio pé, atraída, meter-se-lhe na boca. (...)

Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (...)



D.Isabel/Pombinha

Senhorinha

Rita Baiana

Léonie

Jerônimo

Albino

Firmo

Piedade

Henriquinho

Botelho

João Romão

Bertoleza

Leocádia / Bruno



Machona

italianos



Carapicus X Cabeças-de-gato

Zulmira



ETAPA

O cortiço

Aluísio Azevedo



Foto de um cortiço na rua Visconde do Rio Branco (RJ)